

O “TEMPO LIVRE” NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ENQUANTO OBJETO DE NEGOCIAÇÃO ENTRE PROFESSORES E ALUNOS¹

Thulyo Lutz,

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (GPEEsC- UERJ)

Silvio de Cassio Costa Telles,

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (GPEEsC -UERJ)

Felipe da Silva Triani,

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (GPEEsC -UERJ)

Flávia Fernandes de Oliveira,

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (GPEEsC-UERJ)

Roberto Anderson Santos. La Rubia,

Centro Universitário Augusto Motta (GPEEsC-UNISUAM)

Anderson Occhi Cesar,

Universidade Estácio de Sá (GPEEsC-UNESA)

RESUMO

PALAVRAS-CHAVE: Educação Física escolar; Prática pedagógica; Didática.

INTRODUÇÃO

Um dos fenômenos que se configura no campo das aulas de Educação Física escolar (EFE) é o denominado “tempo livre”. Empiricamente, não é raro encontrar professores que utilizam esse tempo livre como uma estratégia de negociação com os alunos a fim de que possam atingir os objetivos pedagógicos. Além disso, no campo científico, é possível mencionar um estudo (ROCHA; DAOLIO, 2014) em que foram realizadas análises em aulas de EFE e uma das observações foi um momento de livre escolha das atividades pelos alunos.

Considerando esse fenômeno, poucas são as evidências concernentes ao tempo livre. Portanto, objetivou-se apresentar observações sobre o tempo livre nas aulas de EFE enquanto uma estratégia de negociação utilizada por professores e alunos.

¹ O presente texto não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

MÉTODO

Realizou-se uma observação sistemática das aulas de cinco professores que lecionam no município do Rio de Janeiro e o objeto de interesse foi o tempo livre. Foram observadas quatro aulas de cada professor, que foram gravadas em áudio. Um diário de campo também foi adotado.

Os dados foram tratados a partir da análise de conteúdo temática. A categoria “tempo livre na perspectiva dos professores” nos permitiu conceder três unidades de registro: redução do tempo de aula; poder simbólico dos alunos; instrumento de controle e premiação.

RESULTADOS

Chama a atenção o fato de todos os professores terem concedido tempo livre ao final das aulas, que em geral foi utilizado pelos alunos para a prática de esportes e jogos (futsal, queimado e vôlei), bem como para a não prática (conversar, utilizar o smartphone e ir embora mais cedo). Entre 20 a 40 minutos das aulas (em média 28% do período de aula) foram destinados a essa ação do professor. Trata-se de uma fatia de tempo significativa que esvazia a possibilidade de organização e desenvolvimento dos objetivos da EFE e do planejamento.

Sabe-se que “toda ação pedagógica é uma violência simbólica enquanto imposição, por um poder arbitrário, de um arbitrário cultural” (BOURDIEU; PASSERON, 1983, p. 20). Contudo, apesar do arbitrário cultural representando o poder simbólico do professor, identificamos nas aulas que o poder simbólico dos alunos (BOURDIEU, 1989) manifestou-se como “pressão” para que os professores interrompessem as propostas e permitissem a prática livre, representando uma possível relação de força entre os agentes do campo, aluno e professor. Na EFE, parece que os alunos exercem tal poder simbólico com mais força diante dos professores, sobretudo se um determinado tema, conteúdo ou atividade não agrada.

A concessão do tempo livre representou também um instrumento de controle da conduta ético-comportamental, cuja premiação (fazer ou não uso do tempo livre) decorre da avaliação do professor sobre as ações dos alunos, bem como o cumprimento (ou não) das atividades. Se a turma ou algum aluno não exerce as condutas necessárias, o professor pode rejeitar a concessão. Para Bourdieu (1989) essas tensões que ocorrem na tentativa de definição das regras e a posição de domínio de um agente sobre o outro é um exemplo da relação de força no campo.



CONBRACE
CONICE 2021
DE 12/09 A 17/12

Educação Física e
Ciências do Esporte
no tempo presente:

Defender Vidas,
Afirmar as Ciências

Observou-se que o tempo livre serviu como premiação para que os alunos realizassem as atividades propostas e se legitimou também como uma espécie de castigo pedagógico. Assim, o professor pode, de acordo com seus objetivos, manipular o tempo de aula e duração das atividades propostas, cedendo ou não o espaço para que os alunos de forma não diretiva possam exercer sua vontade sobre o planejamento ofertado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que o tempo livre tem aplacado a tensão dentro do campo e oferecido ao professor certo alento no cotidiano escolar diante da relação com os alunos, mas seu uso pode também regredir para a aula livre, que se caracteriza como um desinvestimento pedagógico, na medida em que não contribui para o alcance dos objetivos docentes.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A, 1989.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Francisco Alves: 1983.

ROCHA, L. F. R; DAOLIO, J. A prática pedagógica de educação física no currículo de São Paulo: espaço de tensão entre o tradicional e o novo. **Revista Pensar a Prática**, v. 17, n. 2, p. 517-529, 2014.

